



BUTINYÀ, Júlia i OCAÑA, Antonio.

*L'Humanisme a la Corona d'Aragó (en el context hispànic i europeu).*

[*O Humanismo na Coroa de Aragão no contexto hispânico e europeu*]

Potomac, Maryland, EUA: Scripta Humanistica Publishing International, 2011

Sònia GROS I LLADÓS (UNED)

Um grupo de especialistas de distintas áreas de conhecimento nos oferece, nesta obra, uma série de trabalhos voltados para o conceito de *Humanismo* nas letras catalãs, concepção essa, como bem assinala o título, que se insere no âmbito do marco global da corrente humanista. A obra, portanto, principia com a difícil existência do movimento na literatura catalã, superada “a etapa de afirmação do Humanismo catalão na primeira metade do século XX, e a do revisionismo, que o negou nos últimos decênios”. O objetivo, segundo declaram os próprios autores, é aprofundar, a partir de diferentes perspectivas e com uma orientação transversal, os aspectos presentes do Humanismo em algumas obras e autores emblemáticos dos séculos XIV e XV, recuperando assim “um dos pontos mais brilhantes” da tradição crítica de nossa Literatura.

Além disso, os autores concebem o *Humanismo catalão*, ou da *Coroa de Aragão*, como um produto da Coroa catalã-aragonesa, sem remetê-lo a uma língua determinada, já que ali incluem a produção vernácula e latina – embora o estudo não tenha um peso específico nesse ponto – e sempre com a compreensão que o Humanismo não pode ser reduzido apenas a isso.

Além disso, o estudo é complementado com uma visão a partir de novas perspectivas, que alcançam a dimensão temporal e espacial: a *hispânica*, como o marco geográfico e político mais próximo; a *europeia*, primordial nas relações da Coroa neste período, e a *clássica*, como fonte sempre onipresente e redescoberta com um novo entusiasmo. A inter-relação destes elementos, aprofundada com o conhecimento do período e das obras, destaca seus aspectos comuns.

Da mesma forma, esta organização temática permite uma melhor aproximação ao estudo do conjunto do Humanismo peninsular. O trabalho, portanto, evita o fracionamento artificial do conhecimento e transmite melhor, além disso, a época objeto de estudo. Ademais, tal organização está

inserida na orientação do Mestrado EEES *Literaturas hispánicas – catalã, galega, vasca – no contexto europeu*, pós-graduação oferecida pela UNED em seus últimos cursos, da qual participam alguns dos autores deste livro.

A primeira grande divisão da obra está dedicada às periodizações. Destaca-se, em primeiro lugar, como objetivo principal, “o desejo de tornar o tema mais claro” na apresentação deste assunto, aspecto sempre controverso, e é centrado no momento das origens do movimento, sempre subordinando a determinação cronológica à conceitual. O enfoque filológico do estudo parte, tal como explicitado, de uma concepção ampla que inclui os textos estritamente lingüísticos e literários, assim como os históricos ou sociológicos, orientado por uma visão global do fenômeno.

Como marco metodológico de análise, é utilizado o que *Bouwsma* propôs em *O Outono do Renascimento* (1550-1640), quando une a evolução dos gêneros literários ao estudo da sociedade e substitui a rigidez da separação em etapas para flexibilizar as tendências observadas nos textos. Ressaltar-se-á, portanto, “os aspectos que marcam o impulso inovador e os que o fazem uma direção ascendente”, acima de uma classificação em períodos, obras ou autores. Este aspecto se faz evidente especialmente no caso da absorção do Classicismo, com uma sequência de obras de criação que evidenciam o elevado grau de hibridização cultural e assimilação de conteúdos.

De acordo com este marco teórico, na fase introdutória ou libertadora (conforme a terminologia de *Bouwsma*) do movimento destaca-se a impressão precursora e controvertida de Petrarca e dos trecentistas. As primeiras tentativas foram produzidas ao redor da Chancelaria, que absorveu o *impulso inovador* procedente da Itália com os clássicos como referência e motivo impulsionador. Este “autêntico casamento entre o novo e o velho” é plasmado de maneira exemplar em *O Sonho*. A figura de Metge, com um forte componente de crítica e revolta, é apresentada, portanto, como emblemática nesta primeira fase, em que uma nova valorização do “eu” estimula a releitura dos clássicos. O equilíbrio e a suavidade de *Curial*, por outro lado, malgrado as novidades que apresenta esta obra, corresponderia melhor a uma segunda *fase de sedimentação ou acomodamento*, a qual se ajustaria, com matizes próprias, a produção valenciana. Ambos os autores, Metge e o anônimo que compôs *Curial*, manifestam uma preocupação moral cujos antecedentes podem ser remontados a Ramon Llull.

A análise começa, portanto, com os capítulos dedicados ao *O Sonho* como expoente deste primeiro momento de ruptura e revolta. O primeiro texto,

escrito por Júlia Butinyà, reconhecida especialista da obra de Bernat Metge, examina os usos e significados nesta obra de duas fontes petrarquistas: o *Secretum* e *África*, por parte de Metge. Seu diálogo, na opinião da especialista, não recebeu a devida valorização, pois emula magistralmente o caráter dialogante de Petrarca em uma dupla projeção ascendente e descendente, diálogo tanto frutífero com as fontes quanto com o leitor de então. A renovação, na qual se reconhece a sombra de Cícero, é ressaltada em idéias como a defesa da mulher, o antropocentrismo ou harmonização da ética e da religião.

Além disso, o intrincado jogo de fontes que Butinyà detecta na obra (Horácio, Boccaccio, Sêneca), mostra o preciosismo cultural daqueles humanistas e nos explica alguns aspectos controversos. Assim, por exemplo, Butinyà defende que é possível uma releitura que responda a adesão a Sêneca, e propõe uma ideia de trabalho com um sentido social, mensagens contrárias ao discurso petrarquista. Estamos, segundo propõe a especialista, diante da conhecida técnica dos humanistas chamada *rectificatio*, dos “*verbis tuis te commoneo*” de Petrarca. Butinyà conclui que Metge supera o mestre ao deixar o *Secretum* para trás e tomar como modelo *Africa*, mas com um conceito diferente, mais próximo ao nosso, da Literatura e, desta maneira, “repousa sobre uma nova e mais simpática perspectiva da Antiguidade, fomentada, além do costumeiro rigor, em uma estética agradável e liberdade mental: todos traços da Modernidade”.

No segundo trabalho, José Ramón Areces aborda três aspectos relevantes: o conceito de “homem”, os *studia humanitatis* e a influência de Llull, como fatores para uma aproximação do *O Sonho*, a partir do ponto de vista “de analisar o reflexo de abertura para o *outro*”. Areces compreende a obra como um grande exercício de reflexão, em um louvável esforço de introspecção e autoconhecimento que o aproxima de Llull, reflexo do caráter tolerante e do pluralismo próprio da sociedade catalã-aragonesa desta época. A revalorização do homem capaz de alcançar a união com Deus mediante a razão e a liberdade próxima as propostas humanistas, já estão presentes em Llull.

No que diz respeito à atitude antimisógina de Metge, Areces rastreia as origens aristotélicas da tradição misógina medieval contra a qual, clama Metge declarando a equidade ontológica entre homens e senhoras. Na última parte do capítulo, Areces confronta *O Sonho* com o poema *A Coroação do Juan de Mena*, examinando as semelhanças e divergências entre ambas as obras. Separa-lhes a primazia da busca pela fama, o estilo rebuscado e complicado de Mena, a clareza e precisão em Metge. Compartilha o uso consciente das fontes

clássicas como bem exemplificam os episódios de Orfeu e Tirésias, absorvidos pelos dois autores, com um tratamento, porém, significativamente diferente. Em resumo, a confrontação destaca, no que diz respeito a Metge que “face a uma tradição receptiva, situa-se, portanto, o pensamento crítico do nosso autor, fato que aproxima *O Sonho* ao ensaio moderno”.

Na *fase de acomodamento* em que domina uma atitude contemporizadora, se sobressai o ambiente napolitano – como em *Curial* e grande parte da produção valenciana do século XV – com figuras qualificadas com a *mescla* que encaixa toda a diversidade da produção nesta etapa de adaptação ou aclimação. Assim, por exemplo, o caso de *Roig*, que conserva traços medievais, porém já apresenta notas inovadoras, como a preocupação pelo estilo ou a observação crítica da realidade. Recusa-se com firmeza a etiqueta, frequentemente utilizada para classificar este período, de *outonal*, por ser considerada contraditória, já que se trata de uma corrente “que é sempre um impulso”, que, *per se*, mostra uma entidade plena, não necessariamente unida, na opinião dos autores, a uma etapa subsequente de renascimento esplendoroso, tal como sucedeu em outras literaturas.

Convém igualmente não esquecer neste momento as relações com os reinos peninsulares, especialmente frutíferas no âmbito da narrativa sentimental. No caso de *Curial*, os aspectos mais inovadores se relacionam precisamente com o elemento sentimental, que revela aspectos de cunho humanista, em especial, a concepção do amor. Neste sentido, o trabalho de Sònia Gros analisa *Curial* a partir da linha elegíaca, destacando, no seio da temática amorosa da novela, uma grande quantidade de aspectos que abrangem um novo sentido do conhecimento da ascendência clássica.

No estudo é postulado, com efeito, uma visão da obra imbuída do espírito humanista de retorno aos clássicos, tal como revela a esclarecedora presença dos *motivos amorosos* que remetem, em última instância, aos poetas eróticos greco-latinos, reinterpretados e atualizados criativamente pelo anônimo. A luz dos textos clássicos, motivo de grande relevância na novela como o fogo do amor, o cativo amoroso, a preponderância do olhar, a valorização do canto e a música, as festas e os banquetes com o cenário idôneo para a relação amorosa ou, até mesmo, os aspectos aparentemente marginais como os amantes que bebem na mesma taça refletindo uma agradável sensualidade proveniente da assimilação dos valores difundidos pelos humanistas italianos e conectados diretamente com o mundo clássico.

Nesta *fase de acomodamento*, com efeito, segundo a análise dos autores, as obras mostram já uma adaptação coerente e medida na *nova moda*, com uma progressiva complexificação da língua, com a forma ressaltada em detrimento do conteúdo. Os autores, portanto, defendem uma concepção maleável do termo *Humanismo*, que abranja já nesta fase autores e obras de transição, os quais já estão se adaptando a alguns fatos culturais introduzidos e considerados então renovadores, como o traço naturalista. O estudo aponta inclusive as literaturas tão pouco frequentes neste tipo de trabalho como a basca, em um intento de destacar as atitudes comuns que marcam as coordenadas do movimento.

Por outro lado, a complexidade dos aspectos da corrente se manifesta, desde o início, em figuras paradigmáticas como Petrarca. O trabalho de Roxana Recio destaca a introdução dos autores italianos e do humanismo na Península, que se produziu através dos intelectuais catalães. Recio se baseia na análise do motivo do *cortejo amoroso* petrarquista, singularizado, segundo a visão de Recio, por uma marcada *flexibilidade narrativa*, a primeira amostra que apareceria na *Faula* de Torroella em aspectos como a relevância do elemento afetivo ou do ambiente verossímil. Torroella, portanto, erigiu-se como um dos primeiros antecedentes da transformação rumo às formas petrarquistas.

Na mesma linha, encontra-se mais adiante a *Triste Deleitação*, porém, na opinião de Recio, ela compartilha alguns traços do *cortejo*: a obra não pode ser incluída nesta tipologia por aspectos como o uso da ironia ou a linguagem paródica, as notas familiares e populares, que denotam mais adiante a paródia de um triunfo revelam, em último termo, a popularização da obra de Petrarca. Recio justifica o estudo desta obra como o exemplo da produção castelhana da Coroa, juntamente com a catalã, como o elemento chave para compreender a penetração e assentamento do petrarquismo na Península e a superioridade dos intelectuais da Coroa, neste momento, em relação aos castelhanos. Por fim, Recio aprofunda, na obra *A Sorte*, de Antoni Vallmanya, na qual mostra a consolidação do modelo petrarquista, em uma linha igualmente paródica. O percurso e as recriações que experimenta o cortejo para se tornar um gênero bem novo, provém, na opinião de Recio, do assentamento definitivo de Petrarca na Coroa.

Uma das colaborações mais notáveis desse volume é a que traz Antoni Ferrando com o tema da preocupação linguística do momento. Ferrando apresenta um estudo comparativo entre o castelhano e o catalão a partir das figuras contrastadas de Nebrija e Jeroni Pau com o autor das *Regras para evitar palavras ou palavras grosseiras ou camponesas* e o contexto cultural das duas obras.

Uma breve, porém, rigorosa contextualização histórica documenta a regressão do catalão a partir da união dinástica de Castela e Aragão com a língua de prestígio social, político e literário, em oposição à expansão do castelhano. Ferrando destaca a influência de Pompílio a partir de sua permanência na Itália, na preocupação pelo vulgar de Pau e destaca a compatibilidade entre a opção de escrever totalmente ou preferencialmente em latim o estudo das línguas românicas, tal como sucedia com muitos outros humanistas de origem diversa.

Com efeito, Ferrando reafirma taxativamente, com argumentos bibliográficos, a idéia de Pau como o autor das *Regras*. Por outro lado, a privilegiada visão de conjunto e o profundo conhecimento da língua catalã que se percebe na obra, relaciona-se com a gestação em um ambiente multilíngue que, segundo Ferrando, seria a cidade de Roma com estreitos contatos com Valência, lugar que, como se bem sabe, desfrutava de uma intensa vida cultural neste momento.

Ferrando examina as obras de Nebrija e Pau como *projetos nacionais*. Se Nebrija apresenta a sua obra como o instrumento de expansão do castelhano a serviço dos interesses estratégicos da coroa castelhana como um instrumento útil para a *política lingüística* da nova monarquia hispânica, muito diferente é a situação de Pau. As *Regras* nem tão somente podem ser consideradas como um tratado gramatical, mas como uma amostra da reflexão humanista de Pau e dos seus interlocutores sobre a língua catalã, porém sem intenção nem possibilidade real de projeção pública. Ferrando destaca que todas as duas obras, portanto, apresentam um interesse sociolingüístico extraordinário como modelos das respectivas situações políticas, culturais e sociolingüísticas quase opostas.

No que diz respeito à *auctoritas* lingüística, embora Nebrija a vincule ao poder político, o faz considerando igualmente o critério dos doutos, na linha do *consensus* de Quintiliano. Neste aspecto, Ferrando observa uma proximidade com a obra de Pau que, igualmente, toma como referência de autoridade os usos lingüísticos dos doutos – e aqui reside uma diferença de peso entre os dois –, os cortesãos, que seguem a tradição dos territórios de língua catalã. Apesar do modo explícito, segundo Ferrando, a obra evidencia a supremacia cultural e política de Valência, já que em casos de variantes diatópicas opostas, as preferências lingüísticas de Pau se inclinam geralmente para as soluções do *sermo urbanus* de Valência.

Com estes argumentos, Ferrando reafirma a autoria de Jeroni Pau vinculada às preocupações humanísticas do elitista círculo valenciano do cardeal Roderic

de Borja em Roma. O estudo conclui com a constatação da situação divergente das duas obras, estreitamente ligada às circunstâncias políticas, reflexo paradigmático das duas línguas respectivas: “as *Regras* estavam destinadas ao fracasso e ao esquecimento. Em contrapartida, a *Gramática* de Nebrija marca o início de uma longa etapa de esplendor da cultura castelhana, amparada por uma poderosa monarquia hispânica”.

Ainda sobre a língua, Roxana Recio apresenta outro trabalho que ressalta a importância dos tradutores na língua catalã quanto a introdução e assimilação do *Humanismo* na Península a partir da perspectiva do leitor. A relevância dada ao leitor explica, tal como argumenta Recio, o caráter inteligível e a consciência da superioridade do latim, o alto grau de elaboração e a valorização do vulgar que manifestam as traduções catalãs do século XIV e XV em oposição às castelhanas, produto da assimilação das novas idéias humanistas. Como amostra da primazia da clareza como objetivo, Recio apresenta as traduções de Jaume Conesa e de Enric de Villena que remontam, em último caso, à concepção da tradução de São Jerônimo, que se inspira nos ideais de Cícero e Horácio.

Recio analisa, além disso, o trabalho de Canals e Valentí, autores que ela considera fundamentais para a tradução na Coroa de Aragão e para a Península em geral. Nesta mudança de método, a estudiosa destaca, juntamente com a influência de Dante, o trabalho dos franciscanos no impulso da língua vernácula e examina, como exemplo, alguns textos de Isabel de Villena. O trabalho de Recio aborda também as traduções do vulgar para o vulgar no âmbito catalão-aragonês e, como amostra emblemática, centra-se na nova maneira de se traduzir uma obra que a tradução catalã do *Decamerão* de 1429 manifesta. Recio também examina o que denomina “traduções mais corretas do texto-base” como a do *Cárcere de Amor* de Diego de San Pedro, obra traduzida por Bernadí Vallmanya e que se caracteriza pela fidelidade e exatidão ao original.

A coexistência das duas tendências, segundo o critério próprio de cada tradutor no campo das traduções, para Recio, é uma prova de uma consciência mais ampla sobre a tradução no âmbito da Coroa, de uma evolução mais avançada no trabalho de tradução que Castela não alcançará até a entrada do século XVI. Por fim, a última tradução que Recio analisa é a do comentário do *Illicino* de um tradutor anônimo, que acompanha o *Triunfo* de Petrarca e lhe serve para reivindicar, como conclusão, a existência de um humanismo catalão e nos ressaltar o papel chave na introdução das novas idéias provenientes da Itália na Península.

Também ao redor da tradução, gira o seguinte trabalho de Júlia Butinyà, em que se examina e contrapõe as traduções de Canals e Metge como amostra bem representativa de opções diferentes. A de Metge se aproxima, malgrado as diferenças, da prematura tradução do seu padrao Ferrer Sayol, do *De re rustica* de Palladiuim, por traços como o desejo de fidelidade ao original ou a relevância do “eu” tradutor. A tradução de Canals de *Cipião* e *Anibal*, pelo contrário, demonstra toda a preocupação pela língua, inscrevendo-se em uma linha mais tradicional como mostra em relação ao tema do *suicídio*, o qual condena duramente por oposição à atitude dos outros autores como o de Curial ou a mesma de Metge. Ao contrário, Metge escolhe a fidelidade ao espírito do original, na linha de São Jerônimo de perseguir primordialmente o sentido do texto.

A atitude provocadora que ele manifesta ao traduzir *De vetula* é uma boa prova da sua opção como tradutor “fiel, exato e rigoroso, porém não escravizador, já que o autor, faz seu o texto traduzido, ali deixa claramente iluminado os seus passos como autor”, não como a deformação do texto original, mas como uma seleção intencionada e reveladora de uma profunda compreensão e releitura consciente dos textos, sem transformar, não obstante assim, o original. Assim como demonstra a tradução mencionada do *De vetula*, do *Griselda* ou as abundantes traduções-imitações ocultas no *O Sonho*.

Ángel Gómez Moreno constata as dificuldades de abordar o estudo do Humanismo e o Renascimento na Península devido os prejuízos e à visão oblíqua das diversas orientações críticas sobre a cultura hispânica deste período. Gómez Moreno denuncia a tradição crítica européia negadora da existência dessas correntes na Península e é defensora de uma visão da Espanha atrasada irremediavelmente como consequência dos déficits culturais do período. A partir dessa premissa, os estudiosos defendem a necessidade de romper definitivamente com tópicos e buscar uma aproximação objetiva e desapaixonada, isto é, científica da realidade deste período peninsular. Ela reivindica, energicamente, uma visão do papel do Humanismo, deixando de lado os posicionamentos ideológicos: “mostrem-se os humanistas onde os correspondem em justiça: um lugar destacado na história cultural do Ocidente, porém nada mais”.

Gómez Moreno recorda a percepção mais ajustada do fenômeno nos tempos recentes, desde Amador de los Ríos e Menéndez Pelayo a Andrés Soria Ortega, que esclarecem no âmbito catalão os estudos dos Rubió, pai e filho, e propõem um enfoque pan-hispânico na linha dos trabalhos de Peter Russell ou Brian Tate, Jeremy Lawrence e Julian Weiss.



Dentre os estudos realizados na Península, destaca-se a escola de Rico, prolongada com Lola Badia e Pedro Cátedra ou desde o âmbito dos estudos clássicos, com os irmãos Gil. Recusa-se, pelo contrário, construções eminentemente teóricas e apriorísticas ao estilo de Burckhardt, mostrando a complexidade da produção do momento no âmbito hispânico, em que alternam otimismo e pessimismo, fornecendo como amostra das suas asseverações de exemplos juntamente com a produção de literatura heróica, da proliferação, por outro lado, das *Artes Moriendi* ou a abundante literatura de signos cristológicos e hagiográficos produzida na Península já nos séculos XV e XVI.

Gómez Moreno delimita, assim mesmo, os conceitos do Renascimento e Humanismo valorizando os principais fornecimentos destes – o resgate dos textos clássicos e a sua revisão filológica –, aspectos em que o mundo hispânico terá uma contribuição imensa. Pois bem, como destaca Gómez Moreno, a ausência de preocupação filológica nas terras hispânicas será oposta ao seu trabalho no campo da tradução dos clássicos sem comparação com o resto da Europa. Destacam-se, igualmente, os esforços na recuperação da língua grega e, posteriormente, na dignificação da língua vernácula.

No caso da Espanha, segundo Gómez Moreno, em grande medida, saberá assimilar a mesma essência nacionalista manifesta nas origens do movimento na Itália, como esclarecem os textos de renomados autores da época, a defesa das glórias do passado cultural da Espanha com a referência dos grandes clássicos hispânicos como Sêneca, Lucano ou Quintiliano e a primazia da língua castelhana em direção a Itália. Além disso, resgata amostras da devoção pelos antigos que manifesta de maneira emblemática a figura de Afonso, o Magnânimo, conhecido pela sua paixão pela cultura clássica, algumas anedotas das quais, recorda Gómez Moreno. A figura de Margarida exemplifica a preocupação arqueológica pelos vestígios do passado, tal como fizeram Alfonso de Cartagena e Nebrija de Castela.

Com estes dados, a especialista conclui que o panorama da Península é singularizado pela sua proximidade às terras italianas com um desenvolvimento bem consolidado do Humanismo perto de 1500. A rigorosa defesa de Gómez Moreno é fechada com a menção do esquecimento de alguns estudiosos que omitem, ainda hoje, valores dados sobre o período com ampla lista de traduções realizadas na Península, a qual impediu a valorização ajustada dos fatos e contribuiu para perpetuar estereótipos e prejuízos sem bases filológicas como adverte a especialista: “o panorama cultural espanhol dos séculos XIV ao XVI é, em verdade, muito diferente do que é perfilado na

grande parte dos estudos que tratam do Humanismo, do Renascimento e a recuperação dos clássicos na Europa”.

Júlia Butinyà completa a análise com um panorama crítico do Humanismo catalão que recolhe os estudos mais relevantes e as últimas orientações críticas, com o objetivo de buscar o esclarecimento conceitual e a máxima objetividade possível sobre um assunto que gerou tanta polêmica ao longo de um século. A estudiosa recorre à trajetória desde a formação do conceito do *Humanismo catalão* os altos e baixos experimentados ao longo do século XX, sem esquecer a visão negadora impulsionada ao lado dos trabalhos de Lola Badia, questionando a pretensa novidade do conceito.

Malgrado o aparente triunfo da tese negadora, Butinyà destaca os trabalhos em sentido contrário de um conjunto de especialistas, muitos deles estrangeiros (Tavani, Grilli ou Wittlin) ou procedentes de outros âmbitos filológicos, como a professora Recio ou não. Butinyà denuncia igualmente o menosprezo da parte dos investigadores em direção a defesa de uma postura humanista e o desconhecimento do contexto mais amplo, o Humanismo Hispânico, com que o relaciona. Igualmente, ela destaca o fato de que grande parte dos estudos provém de outras áreas geográficas, freqüentemente distantes, salientando a importante contribuição dos especialistas do âmbito valenciano.

Na formação do conceito, Butinyà destaca os trabalhos de Miquel Batllori, se bem com um enfoque do fenômeno como o fato cultural, no marco de uma divisão ibérica, na linha de Maravall ou Vicens Vives, com sugestões afinadas e ainda pendentes de um estudo aprofundado como a da importância grega. Butinyà também revisa a própria denominação do momento de transição segundo é comumente aceita pelas diversas orientações críticas, recusa rótulos que não incidem nos aspectos que se vão introduzir e reavivar neste período, mas nos que desaparecem tal como na *longa Idade Média* ou o período *tardo medieval*. Ao seu parecer, desataca-se o aspecto de mudança e orientação desta transformação acima do fator cronológico. Neste sentido, a produção catalã se mostra pioneira, sobressaindo, as obras de criação prioritariamente na língua vulgar, com uma forte inclinação realista.

A estudiosa reivindica, novamente, a tese da existência tradicional de um Humanismo catalão, mantido esta denominação “na sua plenitude, frente e ao lado da hispânica e dentro do conjunto ocidental”. Entre os trabalhos mais característicos, comentam-se a recepção crítica dos clássicos através dos trecentistas, a ressonância classicista dos conteúdos, o tratamento do tema

sentimental ou a tentativa de fusão do cristianismo e o classicismo que manifestam obras como as de Metge ou o *Curial*. Nas letras catalãs do momento, domina, portanto, como os signos humanistas, o forte encontro inicial dos autores italianos, um sentido inovador, o selo classicista na assimilação dos conteúdos, traços em relação ao processo de mudança vivo na Europa na transição para a Modernidade, segundo assinalam igualmente especialistas no período como Kristeller, Garin ou Kraye.

Butinyà destaca que resta uma porção de aspectos pendentes de serem trabalhados, em especial, quanto ao contexto ibérico e europeu, orientação que promove desde a sua docência na UNED em colaboração com reconhecidos especialistas de outros âmbitos. Entre os trabalhos mais recentes, ela menciona o do latinista Jaume Medina (2009) – uma coleta de estudos sobre a tradição clássica na Catalunha – o monográfico *eHumanista 13* (2009) sobre *O Humanismo catalão*, desde uma perspectiva multidisciplinar e o trabalho de González Rolán (2002), na linha de uma concepção humanista filológico-literária como a de Poggio Bracciolini.

Sobre as conexões interdisciplinares, Butinyà destaca as contribuições de Gómez Moreno no estudo da introdução das obras dos humanistas italianos; de Cortijo na narrativa sentimental e de Charles Faulhaber na recepção da teoria retórica. Todos eles são bons exemplos de um planejamento que evita o isolamento das produções nas diferentes línguas peninsulares e, pelo contrário, destaca as conexões e influências mútuas, “deixadas simplesmente constantes em seus estudos da permeabilidade entre as literaturas, nunca ignorando suas características de individualidade criadora”.

Butinyà e Recio insistem na defesa e mantimento do conceito de *Humanismo catalão* e em desenvolver algumas questões ao redor da caracterização, remarcando os aspectos pendentes de estudo. A revalorização estilística do catalão, presente em renomados autores desde um Eiximenis ao autor de *Curial*, por exemplo, está estritamente ligada à afirmação pessoal do indivíduo com interessantes paralelos peninsulares. Sobre as potentes origens do movimento, outra vez sobressaindo à figura de Metge, revela-se o espírito de secularização e laicização próprias da nova corrente em um intento de harmonia com uma nova religiosidade, a valorização da imaginação, o subjetivismo de Martorell que Butinyà vincula Metge, a conversão na figura chave que antecipa muitos dos trabalhos que triunfaram nos séculos posteriores. A precedência de Lull em aspectos como a valorização da vida ativa, o intimismo ou a prática na vertente tanto política como religiosa. Esses

traços se encaixam com o caráter, mais renovador da tradição, que não passa por rupturas do humanismo e das letras hispânicas.

Butinyà e Recio insistem com a síntese do desenvolvimento do movimento que, no contexto da Coroa catalão-aragonesa como a grande contribuição do humanismo catalão, ali se sobressaiu, pela abundância e riqueza do material, os diferentes gêneros de criação tal como a vida de Cristo, que manifestam a revalorização da língua vulgar e o papel do leitor, da influência franciscana em autores como Eiximenis ou irmã Isabel de Vilhena. Ou as traduções, exemplo de uma mentalidade flexível, que se obra numa nova época. A evolução contínua e a flexibilidade de gêneros e ideologias tornam, portanto, características próprias da produção literária deste âmbito por oposição a Castela.

Um último texto de contraste com a produção castelhana, neste caso, dentro do gênero da oratória, é o de Hernán Núñez de Toledo que mostra o selo do laicismo, a transcendência dos textos antigos, a valorização do intra-texto ou a dignidade humana e moral, aspectos próprios do novo movimento. Um bom exemplo para concluirmos, ressalta o fundo comum de uma só bagagem humanística com manifestações bem distintas com um convite otimista, “convidando a sua valorização, estudo comparativo e resgate. Reconhece-se um conjunto forte de renomados autores, vivos e ativos ao longo de pouco mais de um século, marcados por uma nova tendência, a qual é dirigida por uma grande figura, considerada por alguns entre os melhores autores de todos os tempos”.

Mudando de assunto, Vicent Lledó oferece uma reflexão atual a partir do *Manifesto por uma língua comum*, documento escrito por um grupo de destacados intelectuais, publicado no jornal *El País* no dia 23 de Junho de 2008 e a resposta publicada, no mesmo jornal, pelo professor Albert Branchadell com “*Um manifesto contra a Espanha*” (*El País*, 7 de Julho de 2008). Lledó rastreou no século XVI atitudes em relação à convivência das línguas na Península que, de alguma maneira, ele detecta que são percebidas ainda ao redor da questão lingüística do *Manifesto*. Em primeiro lugar, o *mono glossário* de um Arias Montano, basea-se na idéia de uma hierarquia lingüística, a qual implica a eliminação do multilinguismo e a sobrevivência da língua mais forte com interessantes paralelos com Despuig desde a ótica oposta ao catalão.

Esta seria, igualmente, a postura dos escritores do *Manifesto* segundo argumenta Lledó. A segunda atitude nomeada por Lledó é a *dualidade solidária* (*twoness*), em relação à falta de uma hierarquia lingüística, a presença do

multilinguismo e o conceito de nação em construção que corresponderia à postura do professor Branchadell. Lledó oferece-nos a precedência de dos textos do século XVI: *Conselho e Conselhos de Príncipe* de Fadrique Furió Ceriol (1527-1592), publicada na Antuérpia em 1559 e a obra anônima *Gramática da Língua Vulgar da Espanha* publicada na Lovaina por Bartholomé Gravió em 1559. Lledó aponta a possibilidade de uma terceira atitude, a que nomeia de *barreira lingüística* – a partir da sugestão de Eiximenis,, sobe a possibilidade de uma língua do povo valenciano em 1383, resultando de um processo dialético de barreira lingüística – no interior do debate sobre o conflito lingüístico peninsular atual do século XXI.

Um capítulo escrito a maneira de um epílogo, por Antonio Cortijo, especialista na narrativa sentimental do século XV, recorda aspectos chaves da atividade humanista como a leitura e o texto, os quais encontram, dentro do movimento, a base de um indivíduo refletido, a atividade filológica da edição e comentário dos clássicos ou o peso de determinadas áreas do conhecimento como a história, a literatura ou a filosofia moral. Cortijo destaca a preocupação retórica e a vontade do estilo que aproxima uma dignificação da das línguas vernáculas e uma explosão de entusiasmo criador, a união das letras e política, significativamente ausente no caso do âmbito da língua catalã de forma excepcional em relação ao contexto europeu e se detém no conceito humanista do *amor*.

A partir de umas reflexões em volta do comentário de Hernán Núñez sobre o *Labirinto da Fortuna* de Mena, Cortijo destaca uma linha de continuidade no *Curial* na defesa do amor sob a autoridade dantesca e remarca as relações e influxos da novela sentimental catalã e castelhana. Estes traços humanistas analisados se percebem, segundo Cortijo, no âmbito catalão de maneira notavelmente precoce, mas além de uma periodização artificial, em uma comunidade literária peninsular com uma acomodação progressiva, a qual se projeta os estandartes das figuras do século XVI.

Em último termo e como síntese, dois trabalhos fecham o volume. O de Dominique de Courceless mostra o papel relevante dos Estados da Coroa em ascensão dos postulados humanistas, a partir do exemplo de Afonso, o Magnânimo, prova que os reis e os príncipes compreendem a importância do redescobrimento dos textos clássicos, dos saberes antigos, a força da filologia e das artes plásticas para a afirmação da própria legitimidade e potência moral e política. Enumera uma longa sequência de exemplos de intelectuais e artistas da Coroa de âmbitos do conhecimento bastante variados, porém com o traço em comum da consciência que os modelos classicistas os ajudam a afirmar, a

própria autonomia criadora e a própria responsabilidade que situa o homem no centro da reflexão.

Alguns bem conhecidos de Joan Fernández de Heredia e os primeiros tradutores, as grandes figuras como Metge e Martorell; de outros não tão habituais nos estudos da corrente como Ramon Sibiuda ou Miquel Mai. Todos manifestam, segundo demarca a estudiosa francesa, a consciência própria e a consciência cívica, nos textos e nas imagens e participam desde já da dignidade da pessoa e do poder das cidades e dos estados.

O professor Vicent Martines apresenta, como conclusão do volume, um panorama de alguns aspectos relevantes da tradução nas letras catalãs nos séculos XIV e XV em relação ao trabalho dos humanistas italianos e peninsulares. Martines destaca a obra de Joan Fernández de Heredia, enfatizando o seu delicadíssimo papel como impulsionador da tradição dos clássicos gregos e a aplicação direta da sua tarefa política e militar. Por isso, segundo Martines, o caráter inovador deste personagem, que já deixa para trás o mundo medieval e avança para uma atitude propriamente humanista de aprofundamento prático dos clássicos, no seu caso, dos textos de Plutarco e Tucídides, tal como ali reconhecia explicitamente Coluccio Salutati. Com esta atividade tradutora como o exemplo de Bernat Metge na *Griselda* de Petrarca, Martines subscreve uma concepção ampla do Humanismo, não restringida apenas a atividade filológica ou a criação em latim.

Martines investiga a evolução do trabalho de tradução em nossas letras. O reinado do *Magnânimo* nos situa bem no meio da expansão catalã pelo mediterrâneo e da tomada de consciência da relevância da própria língua. As traduções dos clássicos diminuem, como relembra Martines, em favor das traduções dos autores como Dante e Boccaccio e se inicia o seguimento dos modelos literários já na língua catalã. Próximo ao fim do século XV, a atividade de tradução é afetada pela introdução da imprensa com uma diminuição das obras conservadas que, pela temática, sugerem, em todo o caso, uma aproximação dos interesses renascentistas.

Finalmente, o estudioso dedica uma atenção especial a Ferran Valentí, em que lhe ressalta a culminação do desenvolvimento das idéias hispânicas sobre a tradução e a confirmação do “alvorecer da tradução renascentista”, quando justifica, no prólogo dos *Paradoxos*, a tradução dos clássicos em termos de utilidade e serventia. O trabalho de Martines, que encerra esse volume, remarca como conclusão o valor da utilidade dos clássicos, pessoal ou coletivo, que se percebe como matizes próprias desde Fernández de Heredia

ou Metge a Salutati ou Valentí e marca uma mudança substancial de atitude comum aos humanistas italianos.

O volume se completa com uma bibliografia bem atualizada de um prático índice toponomástico e de matérias que facilita a consulta sobre aspectos pontuais e, também, proporciona uma visão de conjunto dos autores e textos catalães no interior do panorama humanista desde uma perspectiva internacional.

Por fim, esta coleção de trabalhos interdisciplinares supõe um esforço notável para oferecer uma visão global, a partir dos estudos de aspectos concretos bem diversos – inevitavelmente desiguais e, pontualmente, repetitivos, porém, basicamente complementários e inter-relacionados coerentemente –, destacando-se os traços mais característicos desta corrente humanista que os autores, desde diferentes perspectivas, aceitam dentro da produção da Coroa catalão-aragonesa dos séculos XIV e XV, ressaltando as suas conexões e influxos com o âmbito ibérico e europeu. Constitui, sem dúvida, uma tarefa muito meritória a de reunir os trabalhos de especialistas bem diversos em um ambicioso planejamento de contextualização da corrente humanista e, ao mesmo tempo, um ponto de partida para reavivar os estudos sobre este debatido conceito e as suas manifestações em nossas letras.

Vale dizer que esta publicação foi possível graças à colaboração do *Projeto Ivitra*, dentro dos projetos *Gramática do Catalão Antigo*; *Constituição de um Corpus Textual para uma Gramática Catalã Antiga*; *Estudo, edição, tradução e digitalização de corpus documentais e literários referidos a história da Coroa de Aragão medieval*. Aplicações TIC e educativas [Acrônimo: Digidotracam] (Governo Valenciano, *Programa Prometeu* – para grupos de investigação em I + D de excelência – projeto financiado pelo FEDER da UE), “Biblioteca Digital multi-linguagem da Vizinhaça do Mediterrâneo” e GITE “História da Cultura, Diacronia, Lingüística e Tradução”.

Ressalta-se, portanto, que sem esse apoio não se teria concluído este trabalho.